



A MAGIA DO ATELIER

Entrei em poucos ateliers de pintura. Lembro, com emoção, uma visita ao de Tomie Ohtake, há muitos anos. Era uma reunião de amigos, e eu lhe fui apresentada só nesse dia. Obviamente eu a venerava, e, ela não devia fazer ideia de quem eu era. Deslumbrada com telas de vermelhos, amarelos e laranjas, que estava criando, comentei com ela: “A vida ferve como lava nas suas telas!” Ela me puxou para baixo, minúscula, sendo eu grandona, e disse, sorrindo, quase no meu ouvido: “Eu não pinto para os outros e nem para os críticos. Pinto pra mim mesma.” Comentei que eu também escrevia para mim mesma, e ficamos sorrindo, cúmplices, atravessando a imensa distância, entre mim e aquela artista genial, que eu tanto admirava.

Na primeira vez em que entrei no atelier de Lou Borghetti, talvez há uns dez anos, nem lembro por que motivo, pois ainda não éramos amigas, parei instantaneamente diante de uma grande tela, de fortes pinceladas, em incríveis nuances de pretos, cinzas e brancos, e escutei minha voz exclamando: “Esse é o mar de todos os naufrágios!”

Mais tarde, por generosidade da artista, que logo seria uma amiga especial, a tela veio iluminar a sala da minha casa. Todos os que a vêem pela primeira vez, soltam alguma exclamação.

Pouco depois, passei, a frequentar o atelier como aprendiz de pintora: eu tinha em casa, na minha mesa de centro, uma profusão de tons vermelhos, laranjas e amarelos, em um grande ramo de buganvílias, que havia colhido no terraço. Contemplando aquilo, me ocorreu que eu bem podia tentar mexer com cores e pincéis, e não só com palavras, frases e histórias. Liguei para o atelier, e nesse seu jeito cativante, a Lou me convidou a visitar o atelier. Fui, e fiquei até hoje, em uma manhã por semana, fico tentando me expressar, e contar historinhas, desse novo jeito.

Nesse lugar, existe algo de mágico, que ninguém define. Talvez, uma mistura da personalidade vibrante da dona, com aquela sua sutileza também real: a atmosfera de beleza e quietude que





criou, a disposição dos objetos, carregados de significado, o calor humano, que emana dela e de todas as pessoas que frequentam ou frequentaram o lugar. Mesmo que não estejamos todas juntas, nos mesmos horários, instalou-se entre nós, as alunas do atelier, uma fraternidade boa e real. Nos preocupamos umas com as outras, saúde, filhos, netos, experiências, viagens e telas. Isso, num mundo tantas vezes conturbado, aflitivo ou frio, é um presente que Lou nos dá, sem perceber, talvez todos os dias.

Não sou uma pintora profissional, nunca serei uma grande pintora: mas pegar as tintas e pincéis, encarar uma tela, é de tal forma prazeroso, desafiador e estimulante, que esqueço os problemas ou as inevitáveis chatices cotidianas, e crio como se estivesse criando algo no meu mundo de palavras e imaginações. Sei que cada uma de nós (há rapazes também...) sente algo parecido. E, ainda que não compare com outra arte, feito a literatura, com certeza cada uma sente que existe algo além do cotidiano, do natural, do quase tedioso da vida de sempre. Naquelas horas, naqueles objetos e telas, naquele ambiente, que replica a personalidade múltipla e fascinante de sua moradora, Lou Borghetti, obrigada sempre!

Lya Luft
Escritora

